

A TEMPORALIDADE NA VISÃO DE AUGUSTINUS

Norival Carvalho Cunha¹
Tânia Nunes Davi²

RESUMO:

Este artigo teve como prioridade descrever e analisar como o filósofo Aurélius Augustinus percebia a noção de tempo dentro de uma perspectiva teológica, no capítulo XI do livro das Confissões, demonstrando que Deus, como criador percebe o tempo como cíclico – no sentido de que Ele pode ver e entender passado, presente e futuro, numa perspectiva de tempo infinita. Já o homem só consegue analisar e compreender um tempo de curta duração - sua vida e partes da história humana, numa perspectiva de passado e presente -, almejando atingir o futuro, que só pode ser sonhado, desejado por meio da fé, pois não cabe ao homem conhecer antecipadamente o que virá. “O Tempo – Tentamos defini-lo, as dificuldades aparecem. Por simples que pareça ser esta opção, ela escapa, por sua vez, à análise e se revela complexa quando nos detemos sobre ela”. Sto. Agostinho

Palavras Chaves: Tempo; Humanidade; Cristianidade.

O entendimento do tempo – passado, presente e futuro – é um dos questionamentos humanos, feitos em diversos âmbitos como o senso comum, a filosofia, a teologia, as ciências humanas e as ciências exatas. Ter noção da passagem do tempo – ontem, hoje, amanhã – e que vivemos finitamente em um universo que pode ou não ser infinito são perguntas que assomam a humanidade desde que tomamos consciência de quem somos e passamos a analisar, sintetizar e conhecer o nosso entorno.

O conhecimento é um processo científico, que será compreendido para desenvolver novas descobertas. E estas descobertas intermediarão a evolução do homem dentro do contexto social, econômico e cultural de sua geração para as novas gerações. Existem quatro tipos de conhecimentos: Filosófico, Teológico, Empírico e o Científico.

1. Filosófico: O início do conhecimento racional – a rejeição do mito, que aparece no século VI a.C. com aqueles que, mais tarde, serão designados como pré-socráticos, predecessores de Sócrates. Antes de tudo, a filosofia se elabora a partir de uma ruptura com os modos

¹ Mestrado em Educação – UNIUBE, MBA Gestão e Desenvolvimento de Pessoas, Graduado em Administração. Professor Universitário da FUCAMP/FACIHUS, Monte Carmelo. Professor_norival@yahoo.com.br

² Doutora e Mestrado em História – UFU, Graduação em História – UFGO, Professora Universitária da FUCAMP. taniandavi@gmail.com

anteriores de explicação do mundo e, mais particularmente, em oposição à explicação mitológica dos fenômenos. Se quisermos compreender a natureza é preciso romper com a explicação irracional que se apoia no divino. Os pré-socráticos elaboraram, portanto, uma obra científica se considerarmos que seu propósito foi explicar o mundo não mais a partir de um princípio misterioso e transcendente, mas a partir da própria razão, apelando a um olhar crítico sobre a mitologia.

O grande mérito da filosofia é desenvolver no ser humano a possibilidade de reflexão e a capacidade de raciocínio. Não é uma ciência, mas uma busca pelo saber. Descartes, em 1637, publica o “Discurso do método”, obra na qual mostra que a verdade pode ser obtida por meio de procedimentos racionais; iniciou pelo dado da própria existência, com a frase: “Penso, logo existo” (PAULI, 1986, p. 07).

2. Teológico: O conhecimento teológico está ligado à fé, é um produto do intelecto do ser humano, o qual recai as interpretações e manifestações divinas. Este conhecimento está intimamente relacionado a um deus, seja este Deus, Jesus Cristo, Maomé, Buda, uma autoridade suprema ou um ser invisível, com que o homem se relaciona por meio de sua crença religiosa e sua fé.

“A fé religiosa é um fato que nem a teologia nem a ciência que estuda o fato religioso podem explicar ou justificar perfeitamente. A Fé religiosa é de ordem místico-intuitiva, e não de ordem racional-analítica” (RUIZ, 1996, p. 309). A fé é um pensar, sentir e querer. O homem dificilmente deixará de ter um conhecimento teológico, pois as experiências da própria vida estão ligadas a revelação divina e a própria Fé.

3. Empírico: O conhecimento empírico é considerado no cotidiano das experiências vividas ou transmitidas de pessoas para outra, de geração para gerações, fazendo parte das tradições, dos acertos e erros, sem a fundamentação dos métodos. As declarações empíricas referem-se à vivência imediata dos objetos ou fatos observados que acabam possuindo limitações na coleta dos dados. Por ser um conhecimento diário e preso as convicções pessoais, sociais, muitas vezes incoerentes e imprecisos. Ele é a base fundamental do conhecer, e já existia antes de o homem imaginar a possibilidade de existência da ciência.

4. Científico: O conhecimento científico procura alcançar a verdade dos fatos (objetos), independente da escala de valores e a crenças científicas. Pressupõe como aprendizagem

superior, pois tem a presença métodos e sistemas dos fatos reais, dentro do fenômeno de causa e efeito.

Como o conhecimento descreve e explica-se a realidade, ele faz parte do nosso mundo. Não temos conhecimento que vá além da experiência, mas não podemos, em hipótese alguma, considerar que a experiência seja complexa. Dessa maneira, o conhecimento, mesmo em seu grau mais elevado, não nos proporciona nada mais que um segmento do mundo existente. E a realidade é, em si, parte de uma realidade mais ampla (POPPER, 1996, p. 105).

A literatura metodológica mostra que o conhecimento científico é adquirido pelo método científico.

O tempo, a curiosidade e a necessidade fez o ser humano criar diversos processos para satisfazer sua imaginação e interpretação, criando uma sequência para desenvolver métodos que gerarão o conhecimento, através das experiências vividas de cada pessoa dentro do seu círculo social. Estas curiosidades e necessidades forçaram os homens primitivos a observar o seu *habitat*. Um exemplo, usado e trazido por Fachin (2006, p.7), “Um dos textos mais antigos que chegou até nos foi o papiro de *Rhind* ou de *Ahmés*, por volta de 1700 a.C., por um escriba egípcio, de um manuscrito que se supõe ser de 3400 a.C. Tal Papiro trazia o seguinte título: “Instruções para obter conhecimentos sobre as coisas obscuras”.

Processo do conhecimento é uma adequação do sujeito com o objeto; o sujeito tem seus meios de conhecimento e o objeto revela-se a ele conforme tais meios. Ao adquirir o conhecimento existe uma relação de aprendizado e ensinamento. O objetivo maior do ensino passa a ser a construção do conhecimento, levando em consideração a experiência e os saberes que já possuímos que gera o aprendizado, procurando articula-los a novos saberes e práticas.

Este artigo teve como prioridade descrever e analisar como o filósofo Aurélius Augustinus percebia a noção de tempo dentro de uma perspectiva teológica. Agostinho nasceu no dia 13 de novembro de 354 d.C. – conhecido como Santo Agostinho de Hipona, na cidade de Tagasta em Numidia, no norte da África, hoje Argélia. Era filho de um pai pagão, Patrício, e de uma mãe cristã e piedosa, Mônica (Santa Católica). Apesar de não serem ricos, eram uma família respeitada. Sua mãe exerceu uma notável influência, dedicou-se à sua formação e conversão à fé cristã.

Com muito sacrifício, seus pais lhe ofereceram o melhor estudo romano. Seus primeiros anos de estudo foram feitos na escola local, lá aprendeu latim à força de muitos açoites. Logo, foi enviado para a escola próxima a Madaura, e em 375 à Cartago, para estudar retórica e aperfeiçoar seus estudos. Neste período caiu em uma profunda sensualidade e bebedeira – atitudes que dominaram longamente, moralmente e intelectualmente. Ele aceitou o ensino herético maniqueísta, o qual ensinava um dualismo radical: o poder absoluto do mal - o Deus do Antigo Testamento, e o poder absoluto do bem - o Deus do Novo Testamento. Nesta cegueira ele permaneceu nove anos sendo ouvinte, porém, não estando satisfeito, voltou à filosofia e aos ensinamentos do Neo-platonismo. Ensinou retórica em sua cidade natal e em Cartago, até quando foi para Milão, Itália, em 384. Em Roma, foi apontado pelo senador Símaco como professor de retórica em Milão, e depois para a casa imperial. Como parte de seu trabalho, ele deveria fazer oratórias públicas honrando o imperador Valenciano II. Neste período teve um filho, Adeodato, em 372, que morreu cerca do ano de 390.

Durante os últimos meses de sua vida, no ano de 420, foi submetido de uma enfermidade fatal e com 75 anos ele pediu ficar a sós, afim de se preparar para o encontro com o seu Deus que tanto pregou e escreveu. Os vândalos tomaram a cidade de Hipona e destruindo as cidades do Império Romano no norte da África e as evidências do Cristianismo. Um ano depois da morte de Agostinho, que supostamente foi no dia 28 de agosto, os bárbaros queimaram a sua cidade, mas felizmente, a sua biblioteca foi salva e seus escritos se perpetuaram até a nossa geração.

Sua obra, ao mesmo tempo vasta e profunda, exerceu e exerce muita influência em toda a cultura ocidental. Homem do mundo, carnal, fez um longo esforço para encontrar a chave da inquietação que o devorava. Homem do seu tempo, versado em todas as artes clássicas, foi sempre um grande retórico, filósofo e santo da igreja católica. Diríamos que o seu pensamento é tão profundo que supera as habilidades do retórico, pois jogando com as palavras num malabarismo ele conseguiu escapar da superficialidade.

Inicialmente, escreve filosofia, porém mais tarde dedica as suas forças à pregação, sem descuidar uma enorme correspondência. Escreve também muitos tratados teológicos, de exegese bíblica em suas obras:

- Da Doutrina Cristã – 397/426
- Confissões – 397/398
- A Cidade de Deus – 413/426

- Da Trindade – 400/416
- Retratações
- De Magistro
- Conhecendo a si mesmo

Agostinho não construiu um sistema filosófico completo, ainda que as ideias básicas se mantenham constantes e acusem um claro predomínio platônico. Ele mesmo nos conta que começou a ler uma obra de Aristóteles e não pode prosseguir, talvez tenha afastado o estilo fragmentados dos textos. Sua reflexão parte sempre da vida, das coisas que se passam ao seu redor, das ideias dominantes, dos ataques contra a fé, da interioridade da sua alma.

Para compreender a filosofia e os conceitos “Augustinianos” no livro XI de Confissões, faz uma análise filosófica sobre a essência do tempo. Agostinho parte do princípio de que Deus é o criador do céu e da terra e de tudo que nela é inserido. O tempo é como a distensão da alma humana, senda esta, capaz de voltar-se ao passado, intencional no presente e se projetar a um futuro que ainda não existe.

No artigo “A educação em Santo Agostinho: Processo de interiorização na busca pelo conhecimento”, Souza e Pereira Melo, ressaltam a importância da vida e da obra de Santo Agostinho:

A compreensão da vida de Santo Agostinho é importante, tendo em vista a influência que ela exerceu em seu pensamento e em sua obra, já que a crença de que foi arrancado de uma vida pecaminosa com a ajuda de Deus contribuiu em suas afirmações acerca da necessidade da graça para que o homem pudesse se reerguer. Como considerava ter vivido os mais diversos pecados da carne, desconfiava da sensibilidade humana, pois conhecia a fragilidade do corpo. É a partir disso que propunha que o homem se afastasse de sua materialidade e se voltasse para seu interior, para que pudesse encontrar o verdadeiro conhecimento e, com isso, a felicidade (SOUZA; PEREIRA MELO, 2009, p.2457).

A vida é um tempo só, um passado, presente e futuro são modulações de um presente absoluto. Presente das coisas passadas, presente das coisas presentes, presente das coisas futuras. Passado, presente e futuro são fases de um só tempo, o futuro avança sobre o passado vindo ao presente, porém a intenção da alma humana é dividir o tempo (*intentio animi*).³ O

³O confronto entre estes dois traços da alma humana, *intentio* e *distentio animi*, desenvolvido por Agostinho ao final do livro XI das *Confissões*, é a antítese em torno da qual gira o pensamento de Paul Ricoeur (*As aporias da*

que ocorre é que Agostinho abre a reflexão para a ideia de temporalidade, que é uma categoria fundamental do *Dasein* (o ser-aí), na medida em que a própria autoconsciência só se dá através da experiência interna do tempo, na consciência de sermos seres temporais e finitos, que falamos e que pensamos no tempo.

Gagnebin (1997) descreve que é somente através de uma reflexão sobre nossa temporalidade, em particular sobre a temporalidade inscrita em nossa linguagem, que podemos alcançar uma reflexão não aporética do tempo. Com isto estaremos fazendo um análise bibliográfica do XI das *Confissões*, onde analisaremos a Temporalidade de Deus sobre a existência humana e as coisas. “Louvem a Deus, o Senhor, porque o seu amor dura para sempre.” II Cro 20. 21 (BÍBLIA SAGRADA, 2005)

Na Bíblia Sagrada, no livro de Gênesis (começo), inicia-se o tempo da construção dos tempos, que é dividido em duas partes, na primeira do capítulo 1 ao 11, conta como Deus criou tudo o que existe, incluindo a raça humana. Encontra-se aqui as histórias de Adão e Eva, Caim e Abel, Noé e o dilúvio e a torre de Babel. Na segunda parte que segue os capítulos 12 ao 50, conta história dos patriarcas hebreus: Abraão, Isaque, Jacó e os seus doze filhos, que foram o começo das doze tribos de Israel, terminando com a história de José do Egito. No livro de Gênesis, Deus age, Ele cria o mundo, cuida das pessoas e mostra interesse pelo seu povo. Deus julga e castiga os mais e abençoa os que lhe obedecem. (BÍBLIA SAGRADA, 2015)

No Livro XI de *Confissões*, Agostinho discute a questão do tempo e da eternidade, frisa que a temporalidade está totalmente ligada ao homem e a Deus, ele faz uma análise sobre a questão do tempo, levando em conta o aspecto psicológico. Afirma que, sem a existência de Deus criador de todas as coisas e do Verbo de Deus, seria impossível pensar a questão da temporalidade, pois Deus é eterno. Não depende do tempo para existir, pois a eternidade é maior que o tempo, ela não passa, é infinito-eterno.

Reflexão da criação em Gênesis, coloca com algumas perguntas que Agostinho faz análise sobre o texto bíblico. O que fazia Deus antes da criação? O que significa o tempo para Deus? Segundo ele, todas as criaturas, todas as coisas materiais louvam ao soberano como criador de tudo e mais uma vez questiona a maneira como Deus fez o início da nossa

experiência do tempo o Livro XI das *Confissões* de Santo Agostinho. In: **Tempo e Narrativa**. Tomo I. São Paulo: Papirus, 1994, p. 19-54)

existência; o nascimento do céu e da terra, da luz e da noite, árvores, plantas: vegetais e frutos; seres vivos: animais marinhos, aves, animais selvagens e domésticos; e no sexto dia de sua criação criou os seres humanos: Homem e a Mulher – a sua imagem e semelhança, e os abençoou, dizendo: “Tenham muitos e muitos filhos; espalhem-se por toda a terra e a dominem” (BIBLIA SAGRADA, 2015, Gen. 28)

Segundo Agostinho, no tema Deus, no poema da criação: “Existem, pois, o céu e a terra. Em voz alta dizem-nos que foram criados, porque estão sujeitos a mudanças e vicissitudes. Ainda mesmo o que não foi criado e todavia existe nada tem em si que antes não existisse”. (AGOSTINHO, 1980, p. 258)

Ainda mesmo o que não foi criado e todavia existe..." Esta frase só se compreende tendo em vista a teoria agostiniana da criação. Para o Santo Doutor, as criaturas foram tiradas do nada num só momento. Algumas apareceram logo na sua forma perfeita, como o firmamento, os astros, a alma dos homens, os anjos. Outras surgiram na terra sob forma incompleta, mas dotadas de virtudes intrínsecas evolutivas (*rationes seminales*). Assim se originaram da matéria bruta, por evolução, os animais e até o corpo do primeiro homem. No seu tempo, dizia Santo Agostinho, apenas se verificava esta lei nos animais inferiores, como nas rãs, lagartixas, etc., que eram produzidas pela terra, na qual já se encontravam os gérmenes desses mesmos seres. Por conseguinte, a frase parcialmente transcrita deve entender-se: "Ainda mesmo o que não foi criado na sua forma definitiva e perfeita, e, todavia, por processo evolutivo das razões seminais, obteve a existência, nada tem em si que antes não existisse (N. T.) (AGOSTINHO, 1980, p. 258)

A criação de Deus, explicada por Agostinho, que o Todo Poderoso criou tudo através do Verbo, da palavra pronunciada, ao anunciar o princípio de todas as coisas é a criação, e as coisas foram criadas por um único ser que é eterno e que não é criatura, é Deus. Ele existe antes de qualquer coisa e Deus na sua vontade quis criar-nos seres animais, vegetais e minerais. O Verbo é imortal, para Deus não existe diferença entre dizer e criar, enfim, o Verbo é o princípio de tudo. Assim nos convidais a compreender o Verbo, Deus juntos de Vós, que sois Deus. Deus é o tempo da eternidade.

Toda matéria a ser criada estava na Palavra criadora *coeterna* com Deus. Tudo foi criado por Ela: “portanto é necessário concluir que falastes e os seres foram criados. Criaste-los pela vossa palavra!” (AGOSTINHO, 1980, p.297)

Sendo Deus eterno e criador de todas as coisas, o que seria então o tempo e a eternidade? O tempo não pode medir a eternidade, pois a eternidade tudo permanece nada

passa, tudo é um eterno presente, ela está acima de todo o tempo, e o tempo não é todo presente, o tempo é sentido e medido pelo homem e a eternidade é provinda Daquele que é eterno – DEUS. A palavra “*Eterno*” tem o significado no dicionário popular: Sem começo nem fim, que não terá fim, duradouro, infundável, perdurável, perene, perpétuo. Só se pode conceber Deus como eterno.

Diante do exposto do tempo, Agostinho chama de “longo” como o tempo passado que antecede ao presente, e o futuro que é posterior ao presente. O tempo “breve” é visto por ele, como um passado próximo “há dez dias”, e um futuro próximo “daqui a dez dias”. É importante ressaltar que, passado e futuro são medidos no presente, estes três tempos existem e são medidos na mente humana, somos permeados por ele, o tempo e o homem são criaturas, logo, diferem do Divino. O tempo não é o movimento dos corpos, visto que, os corpos só podem mover-se no tempo.

Na Bíblia Sagrada, no livro de Eclesiastes 3. 1-8, descreve o tema: Tempo para tudo.

Tudo neste mundo tem o seu tempo; cada coisa tem a sua ocasião. Há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar; tempo de matar e tempo de curar; tempo de derrubar e tempo de construir. Há tempo de ficar triste e tempo de se alegrar; tempo de chorar e tempo de dançar; tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntá-las; tempo de abraçar e tempo de afastar.

Há tempo de procurar e tempo de perder; tempo de economizar e tempo de desperdiçar; tempo de rasgar e tempo de remendar; tempo de ficar calado e tempo de falar. Há tempo de amar e tempo de odiar; tempo de guerra e tempo de paz. (BÍBLIA SAGRADA, 2015)

O tempo é a extensão da própria alma humana, ele é um instante indivisível, que pode ser medido. Na existência do papel fundamental na medida do tempo, é ela que nos faz resgatar os acontecimentos que já se foram, e expectar os acontecimentos que ainda virão. “Existimos porque fomos criados; mas não existíamos antes de existir, portanto não podíamos ter criado a nós mesmos”. (AGOSTINHO, 1984, p.309)

Como o Senhor ensina os acontecimentos futuros? A Temporalidade e Eternidade continuam a ser um profundo mistério, ainda existente na atualidade, a primeira é governada pela segunda, e a segunda, porém, não é passado e nem futuro, é imóvel e, ainda assim, determina os acontecimentos futuros e passados. Para concluir que, antes de Deus criar todas as coisas, não existia nem o antes e nem o depois, estes surgiram a partir da consciência humana, é a partir desta que passamos a dividir e medir os tempos e esforçamo-nos para

conhecer as coisas eternas e, no entanto, vivemos presos ao presente ao passado e ao futuro. “E também me deu o privilégio de fazer com que todos vejam como realiza o plano secreto de Deus. Deus, que criou tudo, escondeu esse segredo durante os tempos passados”. (BIBLIA SAGRADA, 2015, Efésios 3,9)

O sol ou nascer do sol, sinaliza para os humanos o trajeto medindo para o início do dia, que dá espaço ou a duração do tempo. Dentro dos preceitos bíblicos judaicos o tempo tem a duração do pôr do sol ao nascer do sol, contagem da noite para o dia. Os romanos têm a contagem do tempo ocidental que é do nascer do sol até o outro nascer do sol - vinte quatro horas (24h). Mas tem na oração de Josué, que o sol parou mas o tempo caminhava para que a batalha concluísse. Então Santo Agostinho diz: “Não me diga que o tempo é o movimento dos corpos celestes”. (AGOSTINHO, 1984, p. 327)

No tempo que falamos, escrevemos e andamos, está a dimensão do medir e do calcular, maiores ou menores, extenso ou curto, sílabas ou frases. O conceito do tempo há dois elementos: um transitório (sucessão) e outro permanente (duração), o tempo psicológico não é mais do que a percepção dessa sucessão contínua no campo da consciência com aspecto de localização e de anterioridade. Quanto nos localizamos, sabemos onde estamos ou onde vamos ou que queríamos ou desejaríamos!

Por isso o verso “*Deus Creator Omnium*” – Deus Criador de tudo, pertencente a Santo Ambrósio, que o tempo é um produto da nossa alma, que o torna presente mediante a memória no caso de ser passado mediante a atenção no caso de ser atual e mediante a espera se é futuro como nos ensina Agostinho.

Como analisar algo que ainda não chegou? O futuro, porém pode ser longo ou curto, vai depender das expectativas atribuídas ao que almeja ou sonha. Pois sabemos que o passado existe pois já vivemos, experimentamos e lembramos, no entanto, o futuro é algo inexistente, que o tempo vai nos trazer ou não, mas vivido no presente no ato do acontecido. A verdade é apresentada por Agostinho como algo que transcende ao homem, mas que pode ser conhecida por ele pela sua inteligência, pois ele a abriga dentro de si, o que lhe garante a possibilidade de conhecer o imutável. Deus fornece o material necessário para que ocorra.

Deus conhece de modo diferente das criaturas, este segredo ou mistério da existência humana. Pois para Deus nada fica obscuro, escondido que não possa ser revelado. “Longe de mim a ideia que tu, Criador do universo, Criador das almas e dos corpos, conheças do mesmo

modo grosseiro o futuro e o passado! És bem mais maravilhoso, bem mais misteriosos”. (AGOSTINHO, 1984, p. 335.

O novo céu e a nova terra no livro do Apocalipse: 21, 3-6, demonstra que Deus e o início e o fim:

Agora a morada de Deus está entre os seres humanos! Deus vai morar com eles, e eles serão os povos dele. O próprio Deus estará com eles e será o Deus deles. Ele enxugará dos olhos deles todas as lágrimas. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor. As coisas velhas já passaram. Aquele que estava sentado no trono disse: -- Agora faço novas todas as coisas! E também me disse: -- Escreva isto, pois estas palavras são verdadeiras e merecem confiança. E continuou: __ tudo está feito! Eu sou o Alfa e o Ômega, o Principio e o Fim. (BÍBLIA SAGRADA, 2005)

No último dia da criação, disse Deus: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (BÍBLIA SAGRADA, 2005, Gen.1, 26). Então o criador terminou o seu trabalho com um toque pessoal. “Deus formou o homem do pó e deu a ele vida, compartilhando o seu próprio folego”(BÍBLIA SAGRADA, Gen.2, 7). Desta forma, o homem é o único dentre todas as criaturas feitas por Deus, tendo tanto uma parte material/corpo como uma imaterial alma/espírito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Agostinho o tempo existe para diferenciar o criador da criatura, uma vez que, se o homem atingisse o conhecimento total das coisas e da verdade, deixaria de vivenciar o presente, este já não seria mais criatura e sim criador, pois viveria já na eternidade. Cabe ao homem nascer, crescer e morrer, é a lei da existência, pois somos criação e o tempo pertence ao Criador.

A temporalidade agostiniana, numa perspectiva de conhecimento teológico e filosófico, aponta para a eternidade de Deus e a perenidade do homem. Mostrando que Deus, como criador percebe o tempo como cíclico – no sentido de que Ele pode ver e entender passado, presente e futuro, numa perspectiva de tempo infinita. Já o homem só consegue analisar e compreender um tempo de curta duração - sua vida e partes da história humana, numa perspectiva de passado e presente -, almejando atingir o futuro, que só pode ser sonhado, desejado por meio da fé, pois não cabe ao homem conhecer antecipadamente o que

virá. Esse privilégio apenas Deus pode ter. Logo o tempo só existe na mente humana, pois Deus está acima e além de qualquer temporalidade que o ser humano possa criar ou imaginar.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1984.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões** De magistro = Do mestre. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BÍBLIA SAGRADA. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. São Paulo: Paulinas Editora, 2005.

CAMBI, F. Santo Agostinho: O mestre da pedagogia cristã. In: CAMBI, F. **História da Pedagogia**. 3. ed. São Paulo: UNESP, 1999.

FACHIN, Odilia. **Fundamentos de Metodologia**. 5 ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Dizer o tempo. In: **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1997

GRISSAULT, Katy. **50 autores-chave de filosofia...e seus textos incontornáveis**. Petropolis/RJ: Vozes, 2012.

SOUZA, M.; PEREIRA MELO, J. J. **A Educação em Santo Agostinho: Processo de Interiorização na busca pelo conhecimento**. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1937_1302.pdf> Acesso em: 10/01/2014

PAULI, Evaldo. **Manual de metodologia científica**. São Paulo: Resenha Universitária, 1986.

PEREIRA MELO, J. J. A educação em Santo Agostinho. In: OLIVEIRA, T. (Org.). **Luzes sobre a Idade Média**. Maringá: EDUEM, 2002.

PESSANHA, J. A. M. Vida e Obra. In: **Agostinho**. Confissões. São Paulo: Nova Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).

POPPER, Karl R. **A lógica da pesquisa científica**. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

RICOEUR, Paul. As aporias da experiência do tempo o Livro XI das Confissões de Santo Agostinho. In: **Tempo e Narrativa**. Tomo I. São Paulo: Papyrus, 1994, p. 19-54.

RUIZ, J. Álvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. 4ed. São Paulo: Atlas, 1996.